



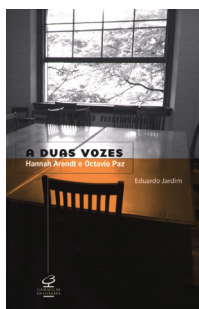
Uma
aproximação
pertinente

CELSO LAFER



|

No segundo semestre de 1965, Hannah Arendt foi professora na Universidade de Cornell, nos Estados Unidos. No seu curso de pós-graduação tratou das experiências políticas do século XX. Elaborou – como sugeriu no prefácio a *Entre o Passado e o Futuro* – a narrativa biográfica imaginária de uma pessoa que, nascida na última década do século XIX, viveu e parou para pensar a contraditória rede de significados de um século de extremos. O curso foi um exercício de pensar a política sem o apoio do corrimão de conceitos seguros. Este é um tema recorrente do percurso arendtiano. Está vinculado à ruptura intelectual trazida pela inadequação das categorias teóricas tradicionais para o entendimento do ineditismo das situações-limite que caracterizaram e identificam o século XX. Daí, para ela, na brecha entre o passado e o futuro, o significado do aforismo do poeta francês René Char – “*Notre heritage n’est précédé d’aucun testament*” (“Nossa herança nos foi deixada sem nenhum testamento”).



A Duas Vozes – Hannah Arendt e Octavio Paz, de Eduardo Jardim, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007, 128 p.

CELSO LAFER
é professor da Faculdade de Direito da USP, membro da Academia Brasileira de Letras e ex-ministro das Relações Exteriores do governo FHC.

No semestre seguinte, Octavio Paz também foi professor-visitante em Cornell e, no seu curso de pós-graduação, discutiu a experiência da criação poética a partir do simbolismo. O curso antecipou o que subseqüentemente elaborou de maneira mais acabada em *Los Hijos del Limo* (1974). No curso, Paz, a partir da perspectiva de um poeta mexicano integrado na tradição literária ibero-americana, refletiu sobre o movimento e as correntes poéticas da modernidade e suas controvertidas relações com o racionalismo e o progresso. Explorou o diálogo contraditório dos poetas com e contra as revoluções e as religiões; discutiu as tentações políticas dos intelectuais e se dedicou ao tema do descompasso

entre a palavra viva e a palavra vivida. O curso articulou um tema recorrente da sua trajetória de poeta e ensaísta, inclusive de analista da política, qual seja, o de como, à luz das descontinuidades do século XX, lidar com a modernidade, uma palavra em busca de significado, como afirmou na sua Conferência Nobel de 1990.

Foi a partir dessa coincidência em Cornell que Eduardo Jardim, grande conhecedor de Arendt e de Paz, estudioso da dimensão filosófica da brasilidade modernista, dos limites do moderno e de Mário de Andrade, elaborou com saber e sensibilidade o seu livro *A Duas Vozes – Hannah Arendt e Octavio Paz*.

O título do livro ecoa o *Solo a dos Voces*, o diálogo entre Paz e Julián Rios, publicado em 1973. A capa do livro é uma janela entreaberta de uma sala de aula do Goldwyn Smith Hall, situado no quadrângulo central do *campus* de Cornell. A capa aponta para uma metáfora do processo do conhecimento: as janelas do espírito se abrem por dentro, como lembrava Miguel Reale. No caso, para continuar com Miguel Reale, pela kantiana conjectura plausível da verdade de um diálogo que Hannah Arendt e Octavio Paz poderiam ter encetado.

II

A aproximação entre Hannah Arendt e Octavio Paz é pertinente, pois a interação literatura/política é um componente relevante dos seus respectivos percursos. Disso posso dar testemunho porque vivi a experiência de ter sido aluno dos dois nos cursos acima evocados – o fato que suscitou a imaginação narrativa do diálogo engendrado por Eduardo Jardim.

Hannah Arendt tinha muita sensibilidade para a literatura e a poesia e disso se valeu na sua obra, assim como no curso acima mencionado, para captar a rede de significados do século XX. Apreciava a constelação dos poetas-pensadores, como Valéry, que Paz integrou como estrela de primeira grandeza. Do seu contínuo interesse pela literatura dá

comprovação a recém-publicada coleção de seus ensaios *Reflections on Literature and Culture* (Stanford, Stanford University Press, 2007), que se abre com um texto de 1930, escrito em parceria com seu primeiro marido, Günther Anders, sobre as *Elegias de Duíno* de Rilke, e se encerra com uma evocação, em 1975, do poeta W. H. Auden, seu amigo. Hannah Arendt era uma pensadora atenta, no plano pessoal, à sua própria feminilidade. Teria gosto de conversar com Octavio Paz que, com seu amor pela palavra, que ela compartilhava, encarnava tão bem a sedutora figura do Poeta.

Paz explorou na sua obra as relações de afinidades e oposições entre os *signos em rotação*. A heurística da criação e da reflexão poética fecundou o seu pensamento político. Buscou o restabelecimento dos significados pelo desmascaramento do que, no espaço público, escondia-se atrás das palavras, para entender o perfil da sociedade mexicana e a figura do mundo. Paz conhecia a obra de Hannah Arendt e a ela se referiu com apreço nos seus ensaios de reflexão política, em especial o *Origens do Totalitarismo*. E, como Hannah Arendt, pensava pela própria cabeça, desconsiderando os chavões, desafiando os enquadramentos e enfrentando os patrulhamentos ideológicos.

A plausibilidade da conjectura de um diálogo entre os dois, tal como elaborado por Eduardo Jardim, tem a sustentá-la uma carta que Paz me enviou em 12 de novembro de 1972, quando lhe encaminhei para publicação, no México, um ensaio sobre Hannah Arendt. Nessa carta escreveu: “[...] *conocí en New York, hace unas semanas, a Hannah Arendt y me encantó su vitalidad como antes me había conquistado, al leerla su inteligencia e rectitud filosófica*”. Como se vê, teria havido um clima propício para o diálogo engendrado por Eduardo Jardim.

III

O livro de Eduardo Jardim se inicia com uma introdução na qual justifica a sua proposta. Arendt – nascida na Alemanha

em 1906 – e Paz – nascido no México em 1914 – foram pensadores da crise e de um novo início. Sugere Eduardo Jardim que o vigor crítico que os caracterizou pode ter sido instigado pela experiência existencial de terem estado, ao mesmo tempo, inseridos e à margem de um núcleo político-cultural dominante. O contexto periférico de Hannah Arendt foi dado pela vivência da condição judaica no século XX. O de Octavio Paz, pela condição latino-americana. Este é o ponto de partida de *A Duas Vozes*, que se estrutura em cinco partes.

No primeiro encontro, Arendt e Paz tratam da política. Abordam a situação do século XX, os totalitarismos, os tempos sombrios, o esgotamento da tradição e a erosão da confiança no futuro. O tesouro perdido das revoluções, que Hannah Arendt discute em *On Revolution*, e os descaminhos da revolução mexicana, que Octavio Paz trata em *O Labirinto da Solidão* e em *Posdata*, são parte da tessitura desse primeiro encontro dialógico. As distinções e aproximações entre revolta, revolução e rebelião que Octavio Paz propôs em *Corriente Alterna* (1967) estão presentes, em surdina, nesse primeiro encontro. No segundo e na seqüência dos temas anteriormente discutidos, o crivo crítico de ambos se debruça sobre o conceito da história, sobre a cisão entre pensamento e experiência, sobre poesia e revolução, e sobre a tradição da ruptura como a contradição característica da arte moderna, que comporta, assim, uma analogia com o pensar a política sem o apoio do corrimão de conceitos seguros.

O terceiro encontro tem Platão como ponto de partida. Hannah Arendt discute a tradição da filosofia política, que se inicia com Platão, e que assume que a teoria deve fornecer os critérios para a conduta dos homens de ação. Octavio Paz reflete sobre o teor depreciativo dos argumentos de Platão em relação à poesia, por ele encarada como um jogo e uma mera reprodução da realidade, e não como verdade e revelação. O dualismo ontológico, que hierarquiza, separando de um lado o mundo do Ser e da Verdade e de outro o mundo do Fenômeno e da Aparência, é criticamente discutido por

ambos no diálogo sobre ação e poesia, vida e arte, poesia e amor, comunhão e solidão.

O terceiro encontro abre espaço para um colóquio sobre a reflexão de Heidegger a respeito do desafio e do mistério da temporalidade, com desdobramentos analíticos em torno do tempo e do pensamento, um dos temas fortes de Hannah Arendt, e do tempo e da poesia, um dos grandes temas de Octavio Paz.

O quarto encontro retoma a discussão arendtiana do tempo no labor, no trabalho e na ação, com a sua nota de imprevisibilidade que comporta, observo eu, uma analogia como lance de dados de Mallarmé, que não abole o acaso. Esse encontro se encerra com a busca do presente.

O quinto encontro é o da despedida, lastreada nas afinidades e nas correspondências analógicas por meio de uma reflexão conjunta sobre a palavra, a metáfora, o vento do pensamento e a imaginação entremeados por sugestivos comentários que ambos vão fazendo sobre Homero, Hölderlin, São João da Cruz, Valéry, Wallace Stevens, o *Fausto* de Goethe, Kafka, Proust, antigos poetas chineses e Lessing.

IV

Concluo observando que a crescente fortuna crítica de Hannah Arendt tem levado estudiosos do seu legado a propor diálogos do seu pensamento com vários de seus contemporâneos. É o caso, por exemplo, do livro de Sylvie Courtine-Denamy, *O Cuidado com o Mundo* (Belo Horizonte, Editora da UFMG, 2004), no qual as afinidades e as discrepâncias com Adorno, Buber, Celan, Heidegger, Horkheimer, Jaspers, Levinas, Steiner, Leo Strauss são discutidas. Eu mesmo encetei uma aproximação entre Hannah Arendt e Isaiah Berlin, e Hannah Arendt e Norberto Bobbio. *A Duas Vozes*, de Eduardo Jardim, insere-se com competência e sensibilidade nesta corrente de reflexão em torno de “vidas paralelas” no século XX. É um livro de qualidade que eu gostaria de ter escrito.